

ENTRE A LUA IRMÃ E O AMANHECER DO SERTÃO: UMA LEITURA SEMIÓTICA DA REPRESENTAÇÃO DO RURAL EM “CHEIRO DE RELVA”

ENTRE LA LUNA HERMANA Y EL AMANECER DEL SERTÃO: UNA LECTURA SEMIÓTICA DE LA REPRESENTACIÓN DE LA VIDA RURAL EN “CHEIRO DE RELVA”

Juliana de Mendonça Casadei

Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas da Língua Portuguesa e Espanhola- EAD, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima /Campus Boa Vista /CBV(IFRR), Boa Vista, RR, Brasil.
E-mail:julianacasadei@gmail.com

Maria Teresa de Mendonça Casadei

Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas da Língua Portuguesa e Espanhola- EAD, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima /Campus Boa Vista /CBV(IFRR), Boa Vista, RR, Brasil.
E-mail:casadei.mtc@gmail.com

RESUMO. A música sertaneja de raiz é tida como manifestação cultural, preservando memórias, identidades e representações do universo rural brasileiro. Uma famosa canção sertaneja, *Cheiro de Relva*, composta por Dino Franco e Zé Fortuna, foi eleita para essa investigação pela riqueza imagética e simbólica, pois representa a paisagem, a natureza e a identidade cultural do Mato Grosso do Sul. A pesquisa fundamenta-se na compreensão de que a paisagem pode ser interpretada como um sistema de signos culturais, e teve como objetivo analisar a canção, sob a perspectiva da semiótica peirceana. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre semiótica, literatura e cultura sertaneja, tecendo uma análise interpretativa da letra da canção e examinando seus signos, processos de significação, recursos poéticos e relações entre paisagem, memória, identidade e cultura. Os resultados obtidos demonstram que a paisagem descrita em *Cheiro de Relva* transcende a função descritiva, constituindo um complexo sistema de signos culturais. Elementos como a relva, o rio, a juriti, o orvalho, o amanhecer e a lua atuam simultaneamente como ícones, índices e símbolos, produzindo sentidos relacionados à memória, ao pertencimento, à infância, à identidade regional e à relação harmoniosa entre ser humano e natureza. O termo “cheiro de relva” é o principal núcleo semântico da obra, funcionando como signo olfativo capaz de despertar memórias afetivas e reforçar a permanência da canção no imaginário da música sertaneja de raiz. Embora a letra não mencione explicitamente um espaço geográfico, seu universo imagético permite uma leitura interpretativa relacionada às paisagens do Vale do Rio Ivinhema. Por fim, a pesquisa confirma a pertinência da semiótica peirceana para a análise da canção popular e reforça a relevância da música sertaneja de raiz como patrimônio cultural e objeto legítimo de investigação nos estudos literários e semióticos. Além disso, reconhece que novas abordagens interdisciplinares poderão ampliar a compreensão das relações entre linguagem, paisagem e identidade presentes na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Canção Popular. Música Sertaneja. Paisagem Rural. Identidade Cultural.

RESUMEN. La música tradicional brasileña se considera una manifestación cultural que preserva recuerdos, identidades y representaciones del universo rural brasileño. Para esta investigación se seleccionó la famosa canción sertaneja “Cheiro de Relva”, compuesta por

Dino Franco y Zé Fortuna, debido a su rica imaginería y simbolismo, ya que representa el paisaje, la naturaleza y la identidad cultural de Mato Grosso do Sul. La investigación se basa en la comprensión de que el paisaje puede interpretarse como un sistema de signos culturales y tuvo como objetivo analizar la canción desde la perspectiva de la semiótica peirceana. Se trata de una investigación cualitativa, basada en una revisión bibliográfica de semiótica, literatura y cultura sertaneja, que entrelaza un análisis interpretativo de la letra de la canción y examina sus signos, procesos de significación, recursos poéticos y relaciones entre paisaje, memoria, identidad y cultura. Los resultados obtenidos demuestran que el paisaje descrito en "Cheiro de Relva" trasciende la función descriptiva, constituyendo un complejo sistema de signos culturales. Elementos como la hierba, el río, la paloma, el rocío, el amanecer y la luna actúan simultáneamente como iconos, índices y símbolos, generando significados relacionados con la memoria, la pertenencia, la infancia, la identidad regional y la relación armoniosa entre el ser humano y la naturaleza. El término "olor a hierba" constituye el núcleo semántico principal de la obra, funcionando como un signo olfativo capaz de despertar recuerdos afectivos y reforzar la permanencia de la canción en el imaginario de la música country tradicional brasileña. Si bien la letra no menciona explícitamente un espacio geográfico, su universo de imágenes permite una lectura interpretativa vinculada a los paisajes del valle del Río Ivinhema. Finalmente, la investigación confirma la relevancia de la semiótica peirceana para el análisis de la canción popular y refuerza la importancia de la música tradicional brasileña como patrimonio cultural y objeto legítimo de investigación en los estudios literarios y semióticos. Además, reconoce que nuevos enfoques interdisciplinarios pueden ampliar la comprensión de las relaciones entre lenguaje, paisaje e identidad presentes en la obra.

PALABRAS CLAVE: *Semiótica. Canción popular. Música tradicional. Paisaje rural. Identidad cultural.*

1 INTRODUÇÃO

A música popular brasileira constitui importante manifestação cultural e literária, capaz de registrar experiências coletivas, modos de vida, valores sociais e percepções sobre o espaço vivido. Nesse contexto, a música sertaneja de raiz destaca-se por sua estreita relação com o universo rural, retratando paisagens, práticas cotidianas e formas de sociabilidade características do interior do país. Mais do que simples expressão artística, esse repertório pode ser compreendido como um conjunto de narrativas poéticas que preservam memórias, identidades e representações culturais vinculadas ao campo brasileiro.

Essa compreensão da música popular como manifestação cultural encontra respaldo em estudos recentes que a reconhecem como um espaço privilegiado de produção de sentidos sociais. Banda (2019) argumenta que as canções articulam diferentes recursos semióticos, linguísticos e culturais, constituindo repertórios por meio dos quais comunidades expressam memórias, identidades e formas de pertencimento. Nessa perspectiva, a música ultrapassa sua função estética para atuar como linguagem cultural capaz de representar modos de vida, valores e experiências coletivas, aspecto que justifica sua investigação no âmbito dos estudos semióticos e literários.

Entre os compositores que contribuíram significativamente para a consolidação desse patrimônio cultural encontra-se Dino Franco, reconhecido por obras que retratam com sensibilidade a vida rural e a relação entre o homem e a natureza. Suas composições apresentam

forte carga imagética e simbólica, transformando elementos da paisagem em recursos expressivos que comunicam afetos, valores e pertencimentos, assumindo características literárias que permitem diferentes possibilidades de interpretação.

A permanência de *Cheiro de Relva* no repertório da música sertaneja de raiz evidencia sua capacidade de atravessar diferentes gerações de ouvintes, permanecendo como referência quando se discutem representações do universo rural brasileiro (Letras, s.d.).

Dentre suas obras mais conhecidas, destaca-se *Cheiro de Relva*¹, considerada um clássico da música sertaneja brasileira. A canção constrói uma representação poética do amanhecer no sertão por meio de imagens que evocam a contemplação da natureza e a harmonia entre o ser humano e o ambiente em que vive. Expressões como “as cortinas do sertão”, “pedaços de madrugada” e “a lua irmã” evidenciam um processo de ressignificação da paisagem, na qual os elementos naturais assumem papel ativo na produção de sentidos. A relevância cultural da composição é reconhecida inclusive em estudos de outras áreas do conhecimento, que a descrevem como uma obra capaz de expressar admiração e afeto pela criação natural, constituindo um verdadeiro louvor à natureza.

A partir dessa perspectiva, a semiótica apresenta-se como referencial teórico pertinente para compreender os mecanismos de significação presentes na letra da canção. Conforme a tradição semiótica inaugurada por Charles Sanders Peirce, os signos constituem elementos mediadores da construção de sentidos, permitindo interpretar como determinados objetos, imagens e expressões passam a representar ideias, valores e experiências culturais. Aplicada à análise da música, essa abordagem possibilita investigar de que forma os elementos da paisagem rural são convertidos em signos identitários e afetivos capazes de representar uma determinada visão de mundo.

Essa perspectiva também dialoga com Dairianathan (2012), para quem a canção deve ser compreendida como uma unidade formada pela articulação entre letra, sonoridade, voz e performance. Segundo o autor, os sentidos produzidos por uma composição musical não decorrem exclusivamente do texto verbal, mas da interação entre diferentes dimensões expressivas e de sua inserção em um contexto sociocultural específico. Assim, a análise semiótica da canção revela-se particularmente adequada para compreender como experiências coletivas e identidades culturais são construídas por meio da linguagem musical.

Além da dimensão estética, a obra de Dino Franco apresenta especial interesse para os estudos culturais e literários por dialogar com a realidade histórica e social do antigo Mato Grosso, território que posteriormente deu origem aos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As paisagens retratadas em suas composições remetem a um universo marcado pela proximidade com a natureza, pelos ritmos próprios da vida rural e pela valorização das experiências comunitárias, aspectos que permanecem presentes na memória cultural da região.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da semiótica, a construção dos sentidos associados à paisagem e ao modo de vida rural na canção *Cheiro de Relva*, de Dino Franco. Busca-se compreender como os signos presentes na letra contribuem para a representação do universo sertanejo e para a construção de uma identidade

¹ A canção “*Cheiro de Relva*” é uma toada composta por Osvaldo Franco (Dino Franco), em parceria com José Fortuna (Zé Fortuna), gravada pela primeira vez em 1983 pela dupla Dino Franco & Mourai e posteriormente por diversos artistas (Machado, Gutemberg, 2010; EcadNet).

cultural vinculada ao interior brasileiro, com especial atenção às paisagens e sensibilidades associadas ao atual Mato Grosso do Sul. Para tanto, realiza-se pesquisa bibliográfica sobre semiótica, literatura e cultura sertaneja, associada à análise interpretativa da letra da canção, tomando-a como manifestação literária representativa da memória e do imaginário rural brasileiro.

A investigação também dialoga com a perspectiva da paisagem como texto cultural, sendo que nessa abordagem, a paisagem não constitui apenas um espaço físico observado pelo sujeito, mas um sistema de signos que materializa valores, memórias, identidades e formas de apropriação do território. Assim, a paisagem representada em *Cheiro de Relva* ultrapassa sua função descritiva e converte-se em linguagem cultural, possibilitando compreender como a experiência do espaço rural participa da construção simbólica da identidade regional.

O problema que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que maneira a letra da canção *Cheiro de Relva*, de Dino Franco e Zé Fortuna, constrói, por meio de signos e símbolos, uma representação da paisagem rural e da identidade cultural do antigo Mato Grosso e do atual Mato Grosso do Sul, bem como quais processos de significação contribuem para a permanência dessa obra no imaginário da música sertaneja de raiz. Para responder a essa questão, o estudo fundamenta-se principalmente na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, especialmente em seus conceitos de signo, ícone, índice, símbolo e semiose, dialogando com as contribuições de Lúcia Santaella para a interpretação e aplicação da semiótica peirceana, de Luiz Tatit acerca da canção como linguagem e de Roman Jakobson no que se refere à função poética da linguagem.

Para a constituição do referencial bibliográfico de suporte, realizou-se busca de artigos científicos na base *Web of Science*, acessada por meio do Portal de Periódicos da CAPES. A estratégia de busca foi estruturada a partir de descritores relacionados às palavras-chave e aos principais eixos temáticos da pesquisa, permitindo identificar e selecionar estudos pertinentes à fundamentação teórica e à análise proposta.

2. DINO FRANCO, *CHEIRO DE RELVA* E A MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ

Dino Franco figura entre os mais importantes compositores da música sertaneja de raiz brasileira (Dembisque e Da Silva, 2018). Nascido em uma realidade profundamente vinculada ao universo rural, construiu uma obra marcada pela valorização do homem do campo, dos ciclos da natureza e das experiências cotidianas vividas nas regiões interioranas do país. Suas composições destacam-se pela sensibilidade poética com que retratam paisagens, costumes, relações afetivas e formas de sociabilidade típicas do meio rural.

Diferentemente de uma abordagem meramente descritiva, suas letras frequentemente atribuem significados simbólicos aos elementos da natureza, transformando rios, pássaros, luas, campos e amanheceres em componentes centrais da construção de sentidos. Essa característica aproxima sua produção de uma verdadeira poética da paisagem rural, na qual o ambiente natural não constitui apenas cenário, mas participa ativamente da narrativa e da expressão dos sentimentos humanos.

A obra de Dino Franco está inserida em um período de intensa transformação do espaço rural brasileiro, marcado pela modernização agrícola, pelo crescimento das cidades e pelo deslocamento populacional para os centros urbanos. Nesse contexto, muitas de suas

composições passaram a desempenhar também uma função de preservação da memória coletiva, registrando modos de vida que progressivamente se modificavam ou desapareciam.

Embora sua produção alcance diferentes regiões do país, ela encontra forte identificação com o antigo Mato Grosso, território que posteriormente deu origem aos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Dembisque e Da Silva, 2018). As paisagens abertas, os campos, os rios, os animais e a relação íntima entre o ser humano e a natureza presentes em suas canções dialogam diretamente com elementos característicos da cultura regional centro-oesteana.

Entre as diversas composições de Dino Franco, destaca-se a canção *Cheiro de Relva*, considerada um dos grandes clássicos da música sertaneja tradicional. A obra ocupa posição de destaque no repertório sertanejo por apresentar uma representação sensível da vida rural, marcada pela contemplação da natureza e pela valorização das experiências simples do cotidiano.

A letra desenvolve uma narrativa poética centrada na observação da paisagem ao amanhecer. Nela, os elementos naturais assumem papel de protagonistas, compondo uma atmosfera de serenidade e pertencimento. O campo não aparece apenas como espaço físico, mas como lugar de memória, afeto e identidade cultural.

A força simbólica da composição pode ser observada em imagens como “as cortinas do sertão”, “pedaços de madrugada” e “a lua irmã”, expressões que revelam uma visão humanizada da natureza. Nessa perspectiva, os fenômenos naturais deixam de ser simples componentes da paisagem para se converterem em signos que comunicam valores, emoções e modos de compreender o mundo.

O reconhecimento da relevância cultural da canção pode ser observado em diferentes contextos. Em obra dedicada à espiritualidade franciscana, por exemplo, *Cheiro de Relva* é citada como manifestação artística capaz de expressar uma relação harmoniosa entre ser humano e natureza. O autor destaca que a canção “descreve com afeto e admiração os detalhes do amanhecer, aos olhos poéticos de Dino Franco” e a caracteriza como um verdadeiro louvor à criação natural.

A permanência da música no repertório sertanejo ao longo de décadas demonstra sua capacidade de ultrapassar gerações e contextos históricos distintos. Mesmo diante das transformações ocorridas na música sertaneja contemporânea, a obra continua sendo referência da chamada música raiz, justamente por preservar uma representação simbólica do campo associada à memória, à simplicidade e à contemplação da paisagem.

A utilização da semiótica como ferramenta de análise de composições musicais encontra respaldo em estudos recentes. Monteiro (2018), ao investigar composições do período medieval ibérico, evidencia que a música pode ser compreendida como espaço de construção e reconstrução de identidades culturais, permitindo interpretar como diferentes signos articulam memória, patrimônio e pertencimento. Embora situado em outro contexto histórico e cultural, esse estudo reforça a potencialidade da abordagem semiótica para investigar processos de significação presentes em obras musicais.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DINO FRANCO, O VALE DO RIO IVINHEMA E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM POÉTICA

A produção musical de Dino Franco caracteriza-se pelas composições que tematizam o universo rural, a memória afetiva e a relação do homem com a natureza. Em sua obra, observa-se recorrente valorização da paisagem, dos ciclos naturais e das experiências vividas no interior brasileiro, elementos que conferem forte identidade cultural às suas canções.

Registros biográficos indicam que o compositor residiu durante parte de sua trajetória na região atualmente pertencente ao município de Ivinhema, área inserida no Vale do Rio

Ivinhema. Esse período de convivência com a realidade social e ambiental do sul do então Mato Grosso contribuiu para ampliar seu repertório imagético, marcado pela presença de campos, rios, matas, amanheceres e pela vida ligada ao meio rural (Mathias, 2014).

A região do Vale do Rio Ivinhema caracteriza-se por extensas áreas de Cerrado, formações florestais associadas às matas ciliares, campos e elevada disponibilidade de recursos hídricos, compondo uma paisagem que historicamente favoreceu o desenvolvimento da agropecuária e a ocupação de comunidades rurais (Imasul, 2013).

O Rio Ivinhema representa um dos principais cursos d'água do sul do estado, integrando importante sistema hidrográfico que desemboca no Rio Paraná. Seu vale apresenta elevada biodiversidade, áreas de preservação ambiental e paisagens marcadas pela interação entre campos, cerrados e matas (Imasul, 2010; Imasul, 2013).

Sob a perspectiva da semiótica peirceana, a paisagem não constitui apenas um espaço físico, mas um conjunto de signos capazes de produzir sentidos culturais. Elementos como a relva, o perfume da vegetação, o canto dos pássaros, a água corrente e a luminosidade do amanhecer deixam de representar apenas objetos materiais para assumirem funções simbólicas relacionadas à memória, ao pertencimento e à identidade regional.

Ainda que a letra da canção não apresente referência geográfica explícita ao vale, a convergência entre a experiência biográfica do autor e os elementos imagéticos presentes na composição permite interpretar a paisagem regional como um dos possíveis horizontes de significação da obra, desde que essa leitura seja apresentada como hipótese interpretativa, e não como fato histórico comprovado.

A relva deixa de ser apenas vegetação para converter-se em signo da lembrança, da afetividade e da ligação entre o sujeito e o espaço vivido. Segundo a teoria de Charles Sanders Peirce, um signo estabelece relação dinâmica entre o representamen, o objeto e o interpretante. Assim, o "cheiro da relva" pode ser compreendido simultaneamente como índice da presença física da natureza, ícone das experiências sensoriais evocadas pela memória e símbolo da identidade rural construída culturalmente.

A interpretação da canção torna-se ainda mais significativa quando considerada à luz da cultura do sul de Mato Grosso do Sul, região cuja formação histórica está profundamente associada às atividades agropecuárias, à convivência cotidiana com os rios e à valorização da vida no campo.

Sob esse enfoque, a possível relação entre a vivência de Dino Franco em Ivinhema e a elaboração imagética da canção evidencia a importância da experiência espacial na criação artística. Mais do que descrever um lugar específico, a obra constrói uma paisagem simbólica na qual natureza, memória e sentimento convergem para representar valores universais por meio de elementos característicos da cultura regional.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONTRIBUTOS DE PEIRCE E SANTAELLA

5.1 A Semiótica de Charles Sanders Peirce

A semiótica, entendida como a ciência geral dos signos, tem em Charles Sanders Peirce um de seus principais formuladores. Diferentemente das abordagens linguísticas centradas exclusivamente na linguagem verbal, Peirce concebe a semiose como um processo universal de produção de significados, abrangendo todas as formas de representação presentes na experiência humana. Para o filósofo norte-americano, o pensamento ocorre por meio de signos, de modo que toda interpretação do mundo depende da capacidade de estabelecer relações entre aquilo que representa, aquilo que é representado e aquele que interpreta.

Segundo Peirce (2017), o signo é constituído por uma relação triádica entre o representamen, o objeto e o interpretante. O representamen corresponde à forma sensível do signo, isto é, aquilo que é percebido pelos sentidos; o objeto refere-se ao elemento da realidade representado pelo signo; e o interpretante consiste no efeito produzido na mente do sujeito que interpreta. Essa relação é dinâmica, uma vez que cada interpretação gera novos signos em um processo contínuo denominado semiose ilimitada.

Outro aspecto fundamental da teoria é a classificação dos signos em ícones, índices e símbolos. Os ícones estabelecem relação de semelhança com seus objetos, como ocorre nas imagens, metáforas ou descrições poéticas. Os índices mantêm relação física ou causal com aquilo que representam, a exemplo da fumaça que indica fogo ou do orvalho que evidencia a umidade da madrugada. Os símbolos, por sua vez, fundamentam-se em convenções culturais compartilhadas socialmente, como ocorre com as palavras da linguagem verbal.

Além da classificação dos signos, Peirce desenvolve sua teoria fenomenológica baseada nas categorias universais da primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade corresponde ao universo das qualidades sensíveis e das possibilidades, manifestando-se nas sensações, emoções e impressões imediatas. A secundidade refere-se ao domínio da experiência concreta, da ação e da resistência entre os fenômenos. Já a terceiridade compreende a dimensão da mediação, das leis, dos hábitos e da interpretação racional, sendo responsável pela construção dos significados culturais.

Essas categorias permitem compreender como a linguagem poética articula sensações, experiências e processos interpretativos.

5.2 A contribuição de Lúcia Santaella para os estudos semióticos

No contexto brasileiro, uma das maiores responsáveis pela difusão e sistematização da semiótica peirceana é Lúcia Santaella. Sua produção acadêmica tornou-se referência nos estudos da linguagem ao apresentar de forma didática e aprofundada os conceitos elaborados por Peirce, além de ampliar suas aplicações para diferentes linguagens, como literatura, fotografia, cinema, publicidade, música e cultura digital.

Para Santaella (2005), a semiótica não se limita à análise de textos escritos, mas investiga todos os processos de significação presentes na cultura. Cada manifestação artística constitui um sistema organizado de signos cuja interpretação depende do repertório cultural do sujeito. Assim, compreender uma obra significa reconhecer os mecanismos pelos quais ela produz sentidos e estabelece relações com outras formas de conhecimento.

Aplicada à análise da música sertaneja, a teoria de Santaella evidencia que elementos como paisagem, natureza, memória e ruralidade constituem signos culturais capazes de despertar diferentes interpretações conforme as experiências sociais dos ouvintes. O significado da obra, portanto, não decorre apenas das palavras empregadas pelo compositor, mas da rede de relações simbólicas estabelecidas entre linguagem, cultura e memória coletiva.

5.3 A canção como texto poético

Durante muito tempo, a crítica literária distinguiu rigidamente poesia e música. Entretanto, os estudos contemporâneos da linguagem reconhecem que a canção constitui um gênero artístico híbrido, resultado da interação entre palavra, melodia, ritmo e performance. Nessa perspectiva, a letra da canção pode ser analisada como texto poético, uma vez que emprega recursos expressivos próprios da literatura, tais como metáforas, imagens, simbolismos, repetições, aliterações e construções rítmicas.

Conforme assinala Luiz Tatit, a canção organiza simultaneamente dois sistemas semióticos: o verbal e o musical. O significado não resulta exclusivamente da letra nem apenas da melodia, mas da articulação entre ambos. A palavra adquire novas dimensões expressivas quando associada ao ritmo, à entonação e à estrutura melódica.

Sob esse enfoque, a linguagem poética caracteriza-se pela predominância da função estética, conceito desenvolvido por Jakobson (1975). Nessa função, o foco da comunicação desloca-se para a própria organização da mensagem, valorizando a escolha vocabular, as imagens, os paralelismos sintáticos, as repetições sonoras e a construção simbólica do discurso. A poesia busca intensificar a capacidade expressiva da linguagem, produzindo significados que ultrapassam a simples comunicação objetiva.

Na canção *Cheiro de Relva*, observa-se precisamente essa organização estética. A paisagem é construída por meio de metáforas, personificações, imagens cromáticas, sensoriais e sonoras que conferem densidade simbólica ao texto. A natureza participa da narrativa como agente ativo, estabelecendo diálogo permanente com a memória e com a experiência afetiva do sujeito poético.

4 ANÁLISE SEMIÓTICA DA CANÇÃO *Cheiro de Relva*

A seguir, apresentamos a reprodução da letra da música em análise, facilitando relacionar diretamente os elementos textuais da composição aos signos e processos de significação discutidos na análise.

Cheiro de Relva

Como é bonito estender-se no verão
As cortinas do sertão na varanda da manhã
Deixar entrar pedaços de madrugada
E sobre a colcha azulada
Dorme calma a Lua irmã

Cheiro de relva, traz do campo a brisa mansa
Que nos faz sentir criança
A embalar milhões de ninhos
A relva esconde as florzinhas orvalhadas
Quase sempre abandonadas
Nas encostas dos caminhos

A juriti madrugadeira da floresta
Com seu canto abre a festa
Revoando toda a selva
O rio manso caudaloso se agita
Parecendo achar bonita
A terra cheia de relva

O Sol vermelho se esquentando e aparece
O vergel todo agradece
Pelos ninhos que abrigou
Botões de ouro se desprendem de seus galhos
São as gotas de orvalho

De uma noite que passou

Cheiro de relva, traz do campo a brisa mansa
Que nos faz sentir criança
A embalar milhões de ninhos
A relva esconde as florzinhas orvalhadas
Quase sempre abandonadas
Nas encostas dos caminhos

A juriti madrugadeira da floresta
Com seu canto abre a festa
Revoando toda a selva
O rio manso caudaloso se agita
Parecendo achar bonita
A terra cheia de relva

A letra de *Cheiro de Relva*, de Dino Franco, constrói uma paisagem poética na qual a natureza assume papel central na produção de sentidos. Sob a perspectiva da semiótica de Charles Sanders Peirce (2017), a linguagem da canção organiza-se por meio de signos que estabelecem relações entre o mundo sensível, a experiência humana e a interpretação do receptor. Cada elemento natural presente na composição deixa de ser apenas um referente físico para converter-se em mediador de significados culturais e afetivos. Nessa direção, a presente análise aproxima-se de investigações contemporâneas que utilizam a semiótica para interpretar canções como manifestações culturais, compreendendo-as como sistemas complexos de signos capazes de materializar processos históricos e identitários (Monteiro, 2018).

Desde os primeiros versos, o espaço rural é apresentado como um ambiente de harmonia entre o ser humano e a natureza. A expressão "as cortinas do sertão na varanda da manhã" constitui uma metáfora que antropomorfiza a paisagem, atribuindo-lhe características de um ambiente doméstico. A manhã deixa de ser apenas um fenômeno temporal para tornar-se um espaço de acolhimento, no qual o sertão é percebido como extensão da própria casa. Essa construção evidencia a predominância da função poética da linguagem, conforme assinala Roman Jakobson, em que a organização estética do discurso potencializa sua capacidade de significação.

A Lua, descrita como "irmã", reforça a humanização dos elementos naturais. A personificação estabelece uma relação afetiva entre sujeito e natureza, eliminando a separação entre ambos. A natureza passa a participar da vida emocional do eu lírico, funcionando como sujeito da experiência e não apenas como cenário.

Predominam, na composição, signos de natureza icônica. A descrição da relva, do orvalho, da juriti, do rio, do vergel e do nascer do Sol produz imagens mentais facilmente reconhecidas pelo leitor. Esses signos estabelecem uma relação de semelhança com a realidade observada, permitindo que o ouvinte visualize o ambiente descrito.

Simultaneamente, esses mesmos elementos funcionam como índices. O "cheiro de relva", por exemplo, não representa apenas uma imagem, mas um indício concreto da presença da vegetação após a umidade da madrugada. O orvalho indica a passagem da noite; o canto da juriti anuncia o amanhecer; o movimento do rio evidencia a vitalidade da paisagem. Há, portanto, uma relação causal entre os signos e os fenômenos naturais que representam.

No nível simbólico, a relva ultrapassa sua condição botânica para tornar-se representação da vida, da simplicidade e da memória afetiva. Seu perfume não constitui apenas uma percepção olfativa, mas um signo cultural capaz de despertar lembranças da infância, do pertencimento ao campo e da convivência harmoniosa com a natureza. A expressão "nos faz

sentir criança" revela precisamente essa transformação simbólica: a infância não é evocada pela lembrança racional, mas pela experiência sensorial desencadeada pelo cheiro da vegetação.

Conforme observa Lúcia Santaella (2005), o signo produz interpretações sucessivas conforme o repertório cultural do intérprete. Assim, o cheiro da relva pode representar simultaneamente infância, liberdade, memória, identidade regional ou espiritualidade, dependendo da experiência de cada leitor.

A partir dessas relações, é possível sistematizar alguns dos principais signos identificados na composição, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Principais signos presentes na canção *Cheiro de Relva*.

Elemento da canção	Como ícone	Como índice	Como símbolo
Cheiro de relva	Evoca sensorialmente o aroma da vegetação, permitindo ao leitor "sentir" a cena.	Indica a presença física da vegetação úmida após a madrugada.	Representa a infância, a memória afetiva, o pertencimento e a identidade rural.
Orvalho	Reproduz visualmente as gotas sobre as flores.	Indica que a noite acabou de passar e que ainda é cedo.	Simboliza renovação, delicadeza e efemeridade da vida.
Juriti	Permite imaginar a ave e seu canto.	Seu canto anuncia o amanhecer.	Representa o despertar da vida, a continuidade dos ciclos naturais e da cultura rural.
Rio manso	Forma uma imagem concreta do curso d'água.	Seu movimento evidencia a vitalidade da paisagem.	Simboliza continuidade, permanência e fluxo da existência.
Nascer do Sol	Produz uma imagem visual do amanhecer.	Indica o início do dia.	Representa esperança, renovação e continuidade da vida.
Lua irmã	A imagem da lua é facilmente visualizada.	Sua presença indica o período noturno que antecede o amanhecer.	A personificação simboliza proximidade, acolhimento e integração entre ser humano e natureza.
Brisa mansa	Evoca a sensação tátil do vento suave.	Indica as condições climáticas típicas do amanhecer.	Representa tranquilidade, paz e simplicidade da vida no campo.
Milhões de ninhos	Permite visualizar os ninhos distribuídos na paisagem.	Indicam que o ambiente é propício à fauna.	Simbolizam proteção, continuidade da vida e fecundidade.
Florzinhas orvalhadas	Imagem delicada das flores cobertas de gotas.	Revelam a umidade deixada pela madrugada.	Simbolizam fragilidade, beleza e cuidado da natureza.
As cortinas do sertão	Cria uma imagem visual semelhante à abertura de uma cortina.	Sugere o início do amanhecer, quando a luz "abre" o horizonte.	Representa a revelação cotidiana da vida rural, como se a natureza inaugurasse um novo espetáculo.
Pedaços de madrugada	A metáfora permite visualizar fragmentos da madrugada penetrando na casa.	Indica a transição entre noite e manhã.	Representa a continuidade dos ciclos da existência.
Varanda da manhã	Aproxima a paisagem de um ambiente doméstico facilmente imaginável.	Indica o momento inicial do dia.	Representa acolhimento e pertencimento ao espaço rural.
Vergel todo agradece	Personifica a vegetação, tornando-a semelhante ao comportamento humano.	Mostra a reação da vegetação ao aparecimento do sol.	Representa a reciprocidade entre todos os elementos da natureza.

A análise também pode ser desenvolvida a partir das três categorias universais propostas por Peirce: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade manifesta-se na dimensão sensorial da letra. O perfume da relva, a brisa mansa, a coloração da madrugada, o brilho do orvalho e o canto das aves despertam qualidades sensíveis independentes de qualquer julgamento racional. Trata-se do universo das possibilidades, das emoções imediatas e das impressões estéticas.

A secundidade aparece na interação concreta entre os elementos da natureza. A madrugada sucede a noite; o Sol aquece a paisagem; o rio movimenta-se; as aves iniciam seu canto; o orvalho desaparece com a chegada da luz. Essas relações expressam a dinâmica objetiva do mundo natural, evidenciando ações e reações entre os fenômenos.

Por sua vez, a terceiridade corresponde à interpretação simbólica desses acontecimentos. O ciclo natural transforma-se em representação da renovação da vida, da continuidade do tempo e da permanência das tradições rurais. O leitor organiza cognitivamente essas experiências e atribui-lhes significados culturais compartilhados.

Um aspecto particularmente relevante da composição é a utilização de signos pertencentes a diferentes modalidades sensoriais.

Os signos cromáticos aparecem em expressões como "colcha azulada", "Sol vermelho" e "botões de ouro". As cores não possuem apenas função descritiva; simbolizam estados emocionais distintos. O azul associa-se à serenidade da madrugada; o vermelho representa a energia vital do amanhecer; o dourado remete à fertilidade e à abundância da natureza.

Os signos sonoros são construídos pelo canto da juriti, pela movimentação do rio e pela própria musicalidade dos versos. A repetição de fonemas líquidos e nasais reproduz acusticamente a suavidade da paisagem, conferindo ritmo lento e contemplativo ao texto.

Entretanto, o signo dominante da composição é de natureza olfativa. O "cheiro de relva" constitui o principal núcleo semântico da obra. Diferentemente da visão ou da audição, o olfato apresenta forte relação com os processos de memória afetiva, conforme demonstram estudos contemporâneos da neurociência cognitiva. A opção do compositor por um signo olfativo intensifica a capacidade evocativa da canção, aproximando experiência sensorial e recordação emocional.

Sob a ótica semiótica, o cheiro torna-se um interpretante capaz de ativar redes complexas de significação, conectando o sujeito à infância, ao ambiente rural e às experiências afetivas construídas ao longo da vida.

Embora a letra não mencione explicitamente nenhuma localização geográfica, sua organização simbólica aproxima-se das paisagens características do Centro-Oeste brasileiro, especialmente das áreas de campos naturais, matas ciliares e rios que compõem o Vale do Rio Ivinhema. A presença da relva, da juriti, do rio caudaloso, do vergel e do orvalho corresponde a elementos recorrentes da paisagem sul-mato-grossense, permitindo uma leitura regional da obra.

Nessa perspectiva, a canção funciona como um texto de representação cultural e a obra artística constitui um sistema aberto de significações, permitindo diferentes interpretações sem perder sua coerência interna. A experiência biográfica de Dino Franco na região de Ivinhema reforça a hipótese de que o imaginário presente na composição dialoga com a paisagem local, embora essa relação deva ser apresentada como interpretação crítica, salvo se houver documentação histórica que a confirme.

Assim, *Cheiro de Relva* ultrapassa a simples descrição da natureza ao transformar a paisagem em linguagem simbólica. A composição articula memória, sensibilidade e identidade regional por meio de signos que permanecem abertos à interpretação, o que ajuda a compreender sua permanência no imaginário da música sertaneja de raiz.

6 A PAISAGEM COMO SIGNO CULTURAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NA CANÇÃO *CHEIRO DE RELVA*

A análise da canção *Cheiro de Relva* evidencia que sua riqueza estética não se restringe à elaboração poética da linguagem, mas se estende à construção de uma paisagem que atua como um complexo sistema de signos culturais. Sob a perspectiva da semiótica de Charles Sanders Peirce, a paisagem deixa de ser compreendida apenas como um espaço físico para assumir a condição de linguagem, capaz de representar valores, experiências, afetos e identidades compartilhadas por uma comunidade.

Diferentemente da descrição objetiva encontrada em textos de caráter documental, a paisagem artística é construída por meio da seleção de signos capazes de despertar experiências sensoriais e emocionais. A relva, o rio, a madrugada, a juriti, o orvalho e o nascer do sol não aparecem na composição apenas para localizar espacialmente a narrativa, mas para produzir uma atmosfera simbólica na qual o sujeito poético reconhece sua própria existência.

Sob essa perspectiva, a natureza funciona como mediadora da memória. O cheiro da relva, elemento que dá título à canção, constitui exemplo significativo desse processo.

Essa construção pode ser compreendida a partir do conceito peirceano de interpretante. O perfume da relva não possui significado fixo ou universal; ele produz diferentes interpretações conforme o repertório cultural do ouvinte. Para indivíduos cuja experiência de vida esteve vinculada ao ambiente rural, esse signo pode remeter à infância, às relações familiares, ao trabalho no campo ou à contemplação da natureza. Para outros receptores, poderá representar tranquilidade, liberdade ou mesmo uma idealização da vida campestre.

Outro aspecto relevante refere-se à construção da identidade regional. Nesse contexto, a literatura e a música desempenham papel decisivo na preservação da memória coletiva de uma comunidade. Ao selecionar determinados elementos da paisagem e transformá-los em símbolos culturais, o artista contribui para consolidar imagens representativas de um território e de seus modos de vida. Nesse sentido, a canção ultrapassa sua dimensão estética para converter-se em documento cultural, registrando valores, sensibilidades e formas de percepção características da sociedade rural brasileira.

A identidade construída na composição não decorre da simples descrição geográfica do espaço, mas da forma como esse espaço é significado pelo sujeito. O rio não representa apenas um curso d'água; simboliza continuidade, movimento e permanência. A juriti não constitui apenas uma espécie da fauna brasileira; torna-se signo da renovação cotidiana e do despertar da vida. O orvalho deixa de ser um fenômeno meteorológico para representar delicadeza, efemeridade e renovação.

Essa leitura pode ser ampliada quando se considera a relação entre a biografia de Dino Franco e sua permanência na região de Ivinhema. Embora a identificação direta da canção com o Vale do Rio Ivinhema dependa de comprovação documental, é possível reconhecer que o universo imagético presente na composição dialoga com paisagens características dessa região, marcada pela presença de rios, campos, matas ciliares, vegetação abundante e grande diversidade de aves. Sob o ponto de vista da crítica literária, esse diálogo permite compreender a obra como representação de um imaginário regional, ainda que sua mensagem alcance dimensão universal. Em *Cheiro de Relva*, a natureza deixa de ser apenas natureza; converte-se em linguagem da memória, da infância, da afetividade e da esperança. O texto poético não descreve o mundo; ele recria o mundo por meio da linguagem.

Por fim, a análise evidencia que *Cheiro de Relva* articula literatura, música e cultura por meio de uma paisagem construída como linguagem simbólica. A composição transforma elementos naturais em signos de memória, pertencimento e identidade, confirmando seu potencial como objeto de investigação nos estudos literários e semióticos.

7. A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NA CANÇÃO *CHEIRO DE RELVA*: UMA LEITURA SEMIÓTICA

A letra da canção *Cheiro de Relva*, de Dino Franco e Zé Fortuna, apresenta uma estrutura poética cuja significação ultrapassa a descrição da paisagem rural. Sob a perspectiva da semiótica, a composição organiza um conjunto de signos que articulam percepção sensorial, memória, afetividade e identidade cultural. Conforme afirma Charles Sanders Peirce (2017), todo signo produz significado por meio da relação entre o objeto representado, sua manifestação e o interpretante, isto é, o efeito produzido no sujeito que interpreta. Na canção, a natureza constitui o principal sistema sógnico, permitindo que imagens concretas sejam convertidas em valores simbólicos compartilhados culturalmente.

O primeiro nível de significação manifesta-se por meio das imagens poéticas que estruturam o cenário descrito pelo eu lírico. A composição inicia-se apresentando o amanhecer como um ambiente doméstico, aproximando o espaço natural do espaço íntimo da habitação humana. A metáfora "as cortinas do sertão" transforma o horizonte em elemento arquitetônico, enquanto a expressão "colcha azulada" associa o céu ao leito onde repousa a "Lua irmã". Essas imagens produzem um efeito de acolhimento, eliminando a oposição tradicional entre natureza e cultura.

A Lua torna-se "irmã", o rio "acha bonita a terra", e o vergel "agradece" ao Sol. A natureza deixa de ser simples objeto de contemplação para assumir papel ativo na narrativa poética. Esses elementos adquirem dimensão simbólica ao representar relações de afeto, pertencimento e integração entre o homem e o meio natural.

A construção imagética da composição também evidencia uma predominância de signos sensoriais. As cores, os movimentos, os sons e os aromas organizam uma experiência estética multissensorial. O azul da madrugada, o vermelho do Sol nascente, o dourado dos "botões de ouro", o canto da juriti e o perfume da relva constituem diferentes modalidades sógnicas que atuam simultaneamente na produção de sentidos. Como observa Lúcia Santaella (2005), os signos não operam isoladamente; eles formam redes interpretativas capazes de mobilizar diferentes dimensões da experiência humana.

Entre todos os signos presentes na canção, o cheiro da relva ocupa posição central na organização temática. O próprio título da composição indica que o elemento dominante da experiência poética não é visual, mas olfativo. A escolha revela importante estratégia estética, pois o olfato possui estreita relação com os mecanismos de evocação da memória afetiva.

Na perspectiva semiótica, o cheiro da relva constitui um índice da presença da natureza, mas converte-se rapidamente em símbolo da infância, da simplicidade e da vida rural. O verso que afirma que a brisa "nos faz sentir criança" evidencia que a experiência sensorial desencadeia um processo de rememoração. Não se trata apenas de recordar um tempo passado, mas de reconstruir emocionalmente um estado de espírito associado à inocência, à liberdade e à tranquilidade.

Sob esse aspecto, a memória assume caráter simbólico. O campo representa um espaço idealizado, preservado das tensões da vida moderna. A natureza converte-se em refúgio afetivo, lugar onde o sujeito reencontra sua própria identidade. Essa leitura aproxima-se das reflexões de Santaella (2005), para quem os signos culturais permanecem em constante processo de atualização, produzindo novos interpretantes conforme a experiência de cada receptor.

A nostalgia presente na composição não se configura como simples saudade de um lugar físico, mas como desejo de recuperar uma forma de existência marcada pelo equilíbrio entre ser humano e natureza. O cheiro da relva funciona, portanto, como signo mediador entre passado e presente, permitindo que a memória seja continuamente reativada pela experiência sensorial.

Além da dimensão estética e afetiva, a canção apresenta uma significativa construção ideológica. A organização da paisagem revela uma visão de mundo baseada na cooperação, na solidariedade e no equilíbrio ecológico. Todos os elementos naturais participam de uma mesma dinâmica vital: a juriti anuncia o amanhecer, o rio acompanha o movimento da paisagem, o Sol aquece o vergel, enquanto a relva protege pequenas flores e abriga a vida. Nesse sistema cultural de significação, a natureza simboliza um ideal de convivência no qual cada elemento desempenha papel essencial para a manutenção do conjunto.

Especial atenção merece a referência às "florzinhas orvalhadas" e aos "milhões de ninhos". Ambos constituem signos da fragilidade da vida. Entretanto, longe de sugerirem abandono ou vulnerabilidade, esses elementos são protegidos pela própria paisagem. A relva esconde as flores delicadas, enquanto o vergel abriga os ninhos das aves. A natureza aparece como espaço de cuidado, acolhimento e preservação.

Sob essa perspectiva, a composição estabelece uma crítica implícita ao distanciamento entre o ser humano e o ambiente natural característico da sociedade contemporânea. Ao idealizar o sertão como espaço de equilíbrio, a canção reafirma valores como simplicidade, respeito ao meio ambiente, convivência comunitária e continuidade da vida. Trata-se de uma visão de mundo profundamente vinculada ao imaginário da música sertaneja de raiz, na qual a paisagem representa não apenas um espaço geográfico, mas um patrimônio cultural e ético.

A leitura semiótica evidencia que *Cheiro de Relva* articula imagens sensoriais, memória e valores culturais por meio de uma paisagem construída como linguagem simbólica. Essa integração ajuda a compreender sua permanência como uma das obras mais representativas da música sertaneja de raiz.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a letra da canção *Cheiro de Relva* sob a perspectiva da semiótica, tomando como principal referencial teórico as contribuições de Charles Sanders Peirce, complementadas pelas reflexões de Lúcia Santaella e de outros estudiosos da linguagem e da literatura. A análise demonstrou que a composição transcende a função de uma simples descrição da natureza, constituindo um sistema de signos relacionado à memória, à identidade cultural e ao pertencimento ao espaço rural.

A abordagem semiótica evidenciou que a paisagem descrita na canção desempenha papel essencial na organização dos significados. Elementos como a relva, a brisa, o rio, a juriti, o orvalho, o nascer do sol e a lua não aparecem apenas como componentes do ambiente natural, mas assumem funções simbólicas que representam valores humanos universais, como acolhimento, serenidade, esperança, renovação e afetividade. Sob a ótica da teoria peirceana, esses elementos atuam simultaneamente como ícones, índices e símbolos, estabelecendo um processo contínuo de semiose que amplia as possibilidades de interpretação da obra.

Outro aspecto relevante observado ao longo da pesquisa foi a predominância das experiências sensoriais na construção poética da canção. A escolha do "cheiro" como signo central evidencia a importância do olfato na evocação da memória afetiva. Diferentemente de uma representação puramente visual da paisagem, a composição privilegia uma percepção capaz de mobilizar lembranças profundas e experiências emocionais, aproximando o sujeito poético de sua infância, de suas vivências no campo e de sua relação afetiva com a natureza. Essa característica confirma a compreensão de que a linguagem poética opera para além da comunicação objetiva, produzindo experiências estéticas que envolvem simultaneamente emoção, imaginação e cultura.

A pesquisa também permitiu compreender que *Cheiro de Relva* expressa uma concepção de mundo marcada pela valorização da harmonia entre o ser humano e a natureza. Os elementos naturais são apresentados em permanente interação, constituindo um espaço

simbólico no qual prevalecem equilíbrio, proteção e continuidade da vida. A relva protege as pequenas flores, o vergel abriga os ninhos, a juriti anuncia o amanhecer e o rio participa da celebração da paisagem. Essa representação revela uma visão ética da natureza, concebida não apenas como recurso material, mas como patrimônio cultural e afetivo.

Sob o ponto de vista da identidade regional, verificou-se que, embora a letra da canção não faça referência explícita a um espaço geográfico determinado, seu universo imagético dialoga com as paisagens do interior brasileiro e pode ser interpretado, à luz da trajetória biográfica de Dino Franco, como próximo às características ambientais do sul de Mato Grosso do Sul, especialmente da região do Vale do Rio Ivinhema. Contudo, essa aproximação deve ser compreendida como uma possibilidade interpretativa sustentada pela convergência entre biografia e imaginário poético, não como afirmação histórica definitiva sem documentação específica.

Do ponto de vista dos estudos de Letras, a investigação confirma a relevância da semiótica como instrumento metodológico para a análise da canção popular. A teoria de Peirce mostrou-se particularmente eficaz ao demonstrar que os significados não estão contidos de forma estática no texto, mas são continuamente produzidos na interação entre os signos, a cultura e o leitor. As contribuições de Santaella reforçam essa compreensão ao evidenciar que toda manifestação artística permanece aberta a novos interpretantes, permitindo que uma mesma obra seja continuamente ressignificada em diferentes contextos históricos e culturais.

A pesquisa evidencia, ainda, que a música sertaneja de raiz constitui importante patrimônio da cultura brasileira e merece maior atenção nos estudos literários e semióticos. Frequentemente associadas apenas ao entretenimento ou à tradição popular, suas letras apresentam elevada densidade simbólica, dialogando com questões relacionadas à memória coletiva, à construção das identidades regionais e às formas de representação da natureza. Nesse sentido, *Cheiro de Relva* revela-se uma obra de expressiva qualidade estética e cultural, cuja permanência no imaginário brasileiro decorre justamente da universalidade dos sentidos que produz.

Por fim, este estudo não pretende esgotar as possibilidades interpretativas da composição. Ao contrário, reafirma o princípio peirceano da semiose ilimitada, segundo o qual todo signo permanece aberto a novas interpretações. Investigações futuras poderão ampliar esta análise mediante abordagens interdisciplinares envolvendo a ecocrítica, a geografia cultural, a antropologia, a musicologia e os estudos da memória, aprofundando a compreensão da relação entre linguagem, paisagem e identidade na música sertaneja brasileira. Dessa forma, espera-se que este trabalho contribua para o fortalecimento dos estudos sobre a canção popular como objeto legítimo de investigação acadêmica e para a valorização do patrimônio cultural representado pela obra de Dino Franco e Zé Fortuna.

REFERÊNCIAS

BANDA, Felix. Beyond language crossing: exploring multilingualism and multicultural identities through popular music lyrics. *Journal of Multicultural Discourses*, Abingdon, v. 14, n. 4, p. 373–389, 2019. DOI: 10.1080/17447143.2019.1645144.

DAIRIANATHAN, Eugene. The Burden of Song: Vedic Metal in Singapore. *Journal of Creative Communications*, New Delhi, v. 7, n. 3, p. 243–260, 2012. DOI: 10.1177/0973258613512438.

DEMBISQUE, Fábio; SILVA, Gabriela Barboza da. *A produção literária/musical do compositor e cantor Dino Franco retratada por meio de um produto de radiojornalismo*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação

Social "Jornalista Roberto Marinho", Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2018.

Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD. Disponível em: <https://www4.ecad.org.br/> Acesso em: Julho de 2026.

Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL). *Plano Estadual de Recursos Hídricos de Mato Grosso do Sul (PERH-MS): resumo executivo*. Campo Grande: IMASUL, 2010.

Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL). *Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Ivinhema: diagnóstico final*. Campo Grande: IMASUL, 2013.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LETRAS. *Cheiro de relva*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dino-franco-mourai/cheiro-de-relva/significado.html>. Acesso em: 26 jul. 2026.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; GUTEMBERG, Jaqueline Souza. Cheiro de Relva: música sertaneja, desenvolvimentismo e tradição. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, v. 1, n. 41, 2010. DOI: 10.14393/cdhis.v1i41.7539.

MATHIAS, Pedro. G1. *Morre, aos 77 anos, o cantor sertanejo Dino Franco*. Presidente Prudente, 4 abr. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/04/morre-aos-77-anos-o-cantor-sertanejo-dino-franco.html>. Acesso em: julho de 2026.

MONTEIRO, Ricardo Nogueira de Castro. A semiotic analysis of the songs Calvi Aravi and Rey Don Alonso in Francisco de Salina's *De Musica Libri Septem*: the construction and deconstruction of cultural identities in the transition between Muslim and Catholic Spain. In: ANDREICA, Oana; OLTEANU, Alin (org.). *Readings in Numanities*. Cham: Springer, 2018. p. 95–113. DOI: 10.1007/978-3-319-66914-4_8.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.